

O Papel da Mídia em Torno dos Estrangeirismos

Autores

Nilza Yolanda Ruiz Leite Ribeiro
Elizabeth Maria Alcantara

1. Introdução

Com o advento da lingüística moderna no início do século XX e as mudanças por esta provocada, muitos estudos sobre a língua foram mudando de foco, deixando um pouco de lado o estudo dos textos literários, sempre considerados como referência do uso correto da língua, para englobar os textos produzidos na língua falada e escrita, nas diversas manifestações de seu uso social.

Em se tratando dos estudos da língua escrita, foram os textos de jornais e revistas de grande circulação, que passaram a representar uma "interessante fonte para o conhecimento da língua escrita no Brasil, mais especificamente do português brasileiro urbano culto escrito," afirma Bagno (2001).

Assim sendo, o estudo da língua na mídia é duplamente interessante dentro dos estudos lingüísticos, dado que, de um lado podemos analisar a língua escrita em uma das suas formas efetivas de uso. E, por outro lado, podemos estudar o alcance e efeito que sua ação prescritiva provoca **sobre o uso lingüístico e as diferentes concepções de língua divulgadas em larga escala.**

Desta forma, para a realização da análise tomaremos como base teórica alguns dos diversos estudos lingüísticos que abarcam a temática de mudança e variação lingüística, destacando os estudos realizados por Bagno (2001), Camacho (1992), Coutinho (1976), Garzez & Zilles (2004) e Possenti (2004).

2. Objetivos

O presente estudo tem dois objetivos, primeiramente visa expor como a questão do estrangeirismo, especificamente o anglicismo é tratado pela mídia. Para tal, serão analisadas matérias publicadas em jornais como a **Folha de São Paulo**, e o **Estado de São Paulo** e em revistas como a **Veja**, além outros artigos e entrevistas disponibilizados em sites da internet.

O segundo objetivo é analisar os processos de incorporação das palavras inglesas no português brasileiro.

O assunto por si é instigador, porém bastante complexo. Por isso, não pretendemos de forma alguma esgotar o tema, mas sim ressaltar aspectos importantes sobre a discussão do mesmo.

3. Desenvolvimento

Inicialmente realizamos o estudo da fundamentação teórica, depois partimos para a seleção de diferentes textos publicados em jornais, revistas de circulação nacional e sites da Internet que abarcassem a temática em questão, a presença do anglicismo na língua portuguesa falada no Brasil. Após a escolha dos textos

passamos à realização da análise.

4. Resultados

Sem dúvida alguma, podemos afirmar que convivemos nos dias de hoje, com um grande número de termos ingleses presentes em conversas corriqueiras tais como: – *vamos fazer compras no **shopping***; – *preciso **deletar** aquele arquivo*; – *depois do **coffe break** reiniciaremos os trabalhos*. Na verdade, atualmente já incorporamos uma avalanche de palavras que nos remetem ao mundo da informática como: **software, site, harward, mouse, home page, on line**, entre tantas outras. Também temos aquelas referentes aos diferentes tipos musicais como: **punk, tecno, hiphop, rap, dance, jazz, funk e rock**, além dos termos interligados como: **CD player, auto reverse, surround**.

Talvez assuste um pouco essa denominada “invasão” do anglicismo à nossa “indefesa” língua portuguesa. Todavia, considerando que o anglicismo nada mais é que o empréstimo realizado pelos falantes de uma determinada língua (no nosso caso o português brasileiro) de termos da língua inglesa, importa lembrar as palavras de Garzez & Zilles (2004) um intrigante questionamento, “Não são os próprios falantes que fazem os empréstimos? Por acaso, alguém toma emprestado o que não deseja?” (Garzez & Zilles 2004, p. 25).

Mas o que motivaria esse tipo de empréstimo? Segundo os referidos autores existem duas constatações que podem explicar tais usos. Primeiramente como a tecnologia e a pesquisa avançada, são desenvolvidas e registradas predominantemente em inglês, os termos advindos das mesmas induz freqüentemente o uso das palavras mais expressivas, e por mais que existam palavras aparentemente substitutivas, tais como: **mouse** = rato, ou **computador** = ordenador, estas não transmitem o mesmo sentido que as advindas do inglês.

Para ilustrar melhor essa questão de substituição, vejamos um trecho do artigo “O bom senso está on sale”, publicado na revista **Veja** em 30/08/2000.

“Cena de *Laços de Família*, novela das 8 da Globo. Miguel (Tony Ramos) recebe Capitu (Giovanna Antonelli) no Internet Café de sua livraria:

Capitu – O **ordenador** não funciona! E eu tenho de mandar uma mensagem urgente! Preciso entrar em contato com minha agente de viagens para programar uma **caminhada no mato**.

Miguel – Calma. Deixe-me pegar o **rato**.

Capitu – Ufa, deu certo! Obrigada, Miguel. Preciso correr agora porque combinei com amigos de ir a um espetáculo de **canto metralhado**.

Se você não entendeu nada, aí está a tradução: ‘ordenador’ é **computador**. ‘Caminhada no mato’ é **trekking**. ‘Rato’ é **mouse**. ‘Canto metralhado’ é **rap**.”

Como podemos ver as palavras inglesas destacadas no texto já forma incorporadas ao léxico da língua, mesmo existindo outras aparentemente “legítimas” no português. Mas como foi muito bem retratado no diálogo, elas não fazem sentido no estabelecimento da comunicação, pois não nos remetem ao mesmo significante que as palavras em inglês. Portanto, por mais que os puristas insistam em afirmar que para toda palavra inglesa existe uma em português que possa ser substituída, nunca terá o mesmo valor de sentido que a palavra em inglês, e daí vem a necessidade de sua incorporação. Entretanto, se essas palavras permanecerão por muito tempo no nosso vocabulário, isso somente o tempo e o uso o dirão.

Em segundo lugar, o apelo do mundo capitalista em busca da globalização é extremamente agressivo,

invadindo a mídia da informação, do entretenimento e principalmente a publicidade, a qual explora muito “as associações semióticas entre a língua inglesa e o enorme repositório de recursos simbólicos, econômicos e sociais por ela mediados.” (Garzez & Zilles 2004, p. 23). No caso da sociedade brasileira, a qual apresenta uma imensa disparidade na capacidade de consumo dos cidadãos, e a classe social consumidora sofre de grande insegurança social, busca espelhar-se em modelos externos de consumo, como o norte-americano ou europeu. Por isso, para os autores não surpreende que o anglicismo sirva para marcar a diferenciação competitiva entre quem dispõe de capital simbólico e a massa não-consumidora.

Em outras palavras, podemos dizer que o uso de anglicismo demarca as diferenças entre as classes sociais, além disso, hoje em dia é considerado “chique” falar algumas palavras em inglês, mesmo que existam possíveis sinônimos na língua pátria, por preferir o *glamour* do sotaque estrangeiro, e o símbolo de status a que estão associadas. Até porque, podemos afirmar que não há sinonímia perfeita, como bem explica o lingüista Possenti, “*Bonito* não é igual a *lindo* que não é igual a *belo*; *negro* não é igual a *preto*; *alimentar-se* não é igual a *comer* e assim por diante” (Possenti 2004, p.170). Portanto defende o autor, como não existe correspondência entre palavras da mesma língua, dificilmente ela poderá existir entre palavras de línguas diferentes. “Simplesmente não há equivalência, os tradutores sabem disso muito bem. A decisão, no caso, será sempre obviamente política.” (Possenti 2004, p.170).

No artigo “*Do apagão ao fashion*” de Roberto Pompeu de Toledo, publicado na revista **Veja** em 11/07/2001, retrata muito bem essa questão do efeito, e a inexistência de uma sinonímia perfeita, vejamos o trecho a seguir:

“Para os bons, os que estão por dentro, ‘moda’ já faz algum tempo que não é ‘moda’. É ‘fashion’. Um evento que se realizou na semana passada em São Paulo chamou-se ‘São Paulo Fashion Week’. Até Gisele Bündchen participou. Pois o leitor acha que Gisele Bündchen participaria de uma ‘Semana da Moda de São Paulo’? Ora, tenha-se a santa paciência.”

É fácil perceber a diferença de efeito entre o nome do evento, pois, ‘*São Paulo Fashion Week*’ é muito mais impactante nos dias de hoje do que, ‘*Semana da Moda de São Paulo*’. Os puristas podem não concordar, mas tem como impedir que a população faça uso delas?

Para entendermos melhor o processo de assimilação de palavras estrangeiras, na entrevista do site www.comciencia.br “*Há risco para a língua?*” veiculada em 10/08/01, o lingüista Mário Perini destaca os principais procedimentos de incorporação dos estrangeirismos na língua portuguesa falada no Brasil.

*“O processo de assimilação de certos itens e eliminação de outros é complexo. Primeiro, certos empréstimos desaparecem porque a coisa que designam cai de moda ou se torna obsoleta. Exemplos são **ban-lon**; **boogie-woogie**; **mi-mollet**; **lansquenete** e muitos outros que você provavelmente nem conhece. Outros empréstimos são substituídos por formações vernáculas: **goal-keeper** hoje é goleiro; **corner** é escanteio; **off-side** é impedimento etc. Ainda outros ficam, mas são graficamente assimilados, de maneira que nem se sabe que são estrangeiros: gol (**goal**); nocaute (**knock-out**); batom (**bâton**); marrom (**marron**) e muitos outros. Esses três processos dão conta da grande maioria dos termos estrangeiros. Fica uma quarta categoria, que não se assimila graficamente (embora assumam sempre pronúncia portuguesa): **impeachment**; **site**; **off** (desconto), **nylon**, etc. São esses últimos os verdadeiramente irritantes. A maioria é muito recente, e não se sabe se vão acabar sendo assimilados ou eliminados de uma maneira ou de outra. Alguns deles persistem porque não têm equivalente em português: não se falava de **site**, **e-mail**, **marketing** até que as coisas propriamente ditas entraram na nossa conversa. Alguns, bem ou mal, já se assimilaram: **salvar** (alguma coisa no computador); **deletar**; e o próprio computador (em italiano ainda se diz **computer**).”*

Podemos afirmar que essa é uma das visões mais claras sobre como ocorre o processo de incorporação das palavras estrangeiras na língua portuguesa falada no Brasil.

Entretanto, além das reportagens até aqui analisadas, podemos verificar que a mídia também veicula matérias que condenam o uso de estrangeirismos, como demonstra o artigo *“Leve dicionário na hora de ir às compras”*, da Reportagem Local publicado pela **Folha de São Paulo** em 23/11/97, o qual de forma aparentemente sutil condena o uso de anglicismo.

*“A mãe up-to-date vai neste X-mas aproveitar uma sale e conseguir 50% off em uma toy shop para comprar um presente para o baby. **Se você tem dificuldades para entender a frase acima, desista de fazer compras neste Natal em São Paulo(...).**”*

*(...) A **‘invasão’** da língua pode ser medida pelo número de lojas com nomes em inglês. De cada 100 lojas de São Paulo, 15 têm alguma palavra ou estrutura do inglês no nome. Essa é uma estimativa da Federação das Câmaras e Dirigentes Lojistas, que fez um levantamento em 3.300 lojas.”*

No primeiro parágrafo o autor da reportagem local deixa claro sua posição contrária ao uso de palavras de origem inglesa, ao afirmar que uma pessoa que desconheça as palavras em inglês não terá condições de realizar as compras de natal. Outro momento que marca a condenação do uso de estrangeirismos é quando utiliza a palavra “invasão” para se referir ao uso de anglicismos como se fosse algo prejudicial à língua. E para finalizar a reportagem, o autor não poderia deixar mais explícita a sua opinião, ao terminar a reportagem com a citação direta de uma autoridade científica condenando o uso do anglicismo.

“(...) Já para Dino Preti, professor-doutor de língua portuguesa da PUC-SP, a “infiltração do inglês é absurda e deve ser controlada”. “Essa invasão é difícil de evitar. Acho que o caminho é o fortalecimento das escolas.”

Poderíamos citar outros exemplos de reportagens, que assim como a que acabamos de apresentar, condenam explicitamente o uso de anglicismos, deixando de lado toda e qualquer explicação científica que valida o uso dos estrangeirismos. Artigos desse tipo só servem para confundir ainda mais a opinião do leitor, uma vez que, não esclarecem o verdadeiro funcionamento da língua no que diz respeito ao o uso de estrangeirismos. Pois, gostem os gramáticos normativos ou não, atualmente o anglicismo é um fato real que como o próprio Dino Preti afirma “é difícil de evitar”, ou melhor, é impossível. Pois como já foi abordado anteriormente, as línguas naturais estão sempre em constante movimento, seja por meio da variação ou da própria mudança que ocorre dentro de uma dada comunidade lingüística.

Portanto, podemos afirmar que o contato entre os diferentes dialetos e a influência das línguas estrangeiras é importantíssimo nesse processo. Assim, “empréstimos, sempre houve e sempre haverá”, assevera (Garzez & Zilles 2004, p. 29). Independentemente das forças contrárias a essas mudanças.

5. Considerações Finais

Com relação ao tema analisado o estrangeirismo, em especial o anglicismo. Foi possível verificar que a mídia mantém uma postura ambígua, a qual ora posiciona-se favorável ao uso do anglicismo, ora o condena de forma taxativa caracterizando-o como sendo um ato altamente nocivo à integridade da nossa "pobre e indefesa" língua portuguesa.

Portanto, considerando a importância da mídia na formação da opinião pública, muito mais poderia se avançar perante as "guerras em torno da língua", se a mesma abrisse mais espaço para a veiculação dos mais recentes estudos lingüísticos, contribuindo no esclarecimento da população sobre o funcionamento da língua, afinal de contas, a língua faz parte do patrimônio cultural do país. Portanto, quanto mais a população souber sobre ela, melhor saberá utilizá-la, e se for o caso poderá até defendê-la.

Referências Bibliográficas

BAGNO, M. **Preconceito lingüístico: o que é e como se faz.** 19 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002. 186p.

CAMACHO, R. G. **A variação lingüística.** In Secretaria da Educação/ Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. *Subsídios à Proposta Curricular de Língua Portuguesa para o 1º. e 2º. Graus.* São Paulo: SEE/CENP. 1992

COUTINHO, I. L. **Pontos de gramática histórica.** 7 ed. rev. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico. 1976. 357p.

DUTRA, R. **O falante gramático: introdução à prática de estudo e ensino do português.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003. 136p.

FARACO, C. A. (org.) **Estrangeirismos: guerras em trono da língua.** 3 ed. São Paulo: Parábola, 2004. 222p.

GARCEZ, P. M. & ZILLES, A, M. **Estrangeirismos: desejos e ameaças.** In FARACO, C. A. (org.) **Estrangeirismos: guerras em trono da língua.** 3 ed. São Paulo: Parábola, 2004. 222p.

POSSENTI, S. **A questão dos estrangeirismos.** In FARACO, C. A. (org.) **Estrangeirismos: guerras em trono da língua.** 3 ed. São Paulo: Parábola, 2004. 222p.